

Brasil sem novidades na política econômica

ESTADO DE SÃO PAULO

17 MAR 1985

RUDIGER DORNBUSCH

A política econômica do novo governo brasileiro, democraticamente eleito, será baseada nos velhos modelos da austeridade administrada por técnicos e não pelos políticos. São três os maiores problemas econômicos do País: dar prosseguimento à recuperação da terrível recessão de 1981-84, frear a inflação que no momento supera o nível de 200% e conseguir um melhor tratamento para a dívida externa de US\$ 100 bilhões.

O maior problema é que o público espera milagres do novo governo democrático. Sem grande esperança nesse sentido, Tancredo Neves deixou o carnaval passar e esperou até a quarta-feira de cinzas para dar más notícias à Nação. A escolha de sua equipe fez prever uma política de austeridade.

Ninguém se surpreendeu com a escolha do sobrinho do novo presidente, Francisco Dornelles, para o Ministério da Fazenda. Quando a finança pública é a primeira questão, manter as coisas em família é uma boa tática. Além do mais, como ex-secretário da Receita Federal e um negociador internacional na área dos subsídios, ele já sabe o que mais contará: arrecadar impostos e forçar a colocação de produtos brasileiros no Exterior para ajudar no pagamento da dívida. Ele substitui um ministro da Fazenda cujas realizações foram poucas e que será mais lembrado por ter desviado um voo Nova York—Rio para Brasília para que pudesse ter um desjejum mais folgado.

A "bomba" foi no Banco Central. Não admira que o País se frustre com a escolha do novo presidente do Banco Central, Antonio "Tonico" Lemgruber. Dos economistas brasileiros respeitados, ele é o mais ortodoxo monetarista. Haverá suspiros de alívio no Fundo Monetário Internacio-

nal (FMI). Para Lemgruber e sua equipe, uma coisa é bem clara: a inflação vem da emissão de moeda, a inflação é o inimigo número um, a inflação deve ser contida antes que desapare.

O Brasil agora encontra-se entre as dez maiores nações industrializadas, com uma população superior a 120 milhões. Entre os países menos desenvolvidos, está na elite, ao lado da Coreia do Sul e outras nações asiáticas que apresentam superdesempenho. Nos últimos 20 anos, uma política de desenvolvimento mais do que dobrou o padrão de vida, mas então o País mergulhou na crise da dívida.

Para se ajustar à necessidade de dólares, o País cortou dramaticamente todas as "gorduras", e mais. A renda baixou e muito do progresso social dos anos recentes refluíu nos três anos de recessão. Isto é sério, porque o Brasil permanece um dos países onde a distribuição de renda é absurdamente desigual. Os 10% mais ricos recebem a metade do total (nos Estados Unidos, em comparação, deles absorvem 1/4). A recessão tornou a situação ainda pior. Um desempenho econômico tão pobre é um grande perigo para a estabilidade política.

O novo governo vai provavelmente trabalhar para a consolidação da democracia em primeiro lugar, sem experiências no campo econômico. Nenhuma tentativa será feita de recuperar o crescimento através da expansão inflacionária. Impostos e disciplina orçamentária serão o caminho. Quanto à dívida externa, a negociação deve ser dura nos detalhes insignificantes, mas não há a menor dúvida quanto aos princípios: o Brasil pagará, cada centavo, à base da *prime rate* mais um. (Los Angeles Times)

* Rudiger Dornbusch é professor de Economia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.